

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Dalila de Souza Silva**

**Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon  
Escola Técnica Estadual Professor Matheus Leite de Abreu  
Mirassol/SP**

**2022**

## Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral temática

Entrevistadora: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Instituição: Etec Professor Matheus Leite de Abreu

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A entrevista foi realizada com Dalila de Souza Silva, médica veterinária formada pela UNIRP – Centro Universitário de Rio Preto, e Habilitação Profissional de Técnico em Agropecuária – ênfase em Plasticultura – sistema alternância formada pela Etec Professor Matheus Leite de Abreu, em Mirassol. Microempreendedora individual atuante na cidade de São José do Rio Preto. O registro histórico de sua entrevista contribuiu para enriquecer o projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais a empreendedores” proposto para o GEPEMHEP do Centro Paula Souza. Essa entrevista contribui para enaltecer o artigo sobre: “O Curso Técnico em Agropecuária sob a Pedagogia da Alternância e a História Oral com Alunos Empreendedores da Etec Professor Matheus Leite de Abreu”, pertencente ao projeto elaborado para o ano de 2022 “Os Gestores da Etec Professor Matheus Leite de Abreu (1964 a 2022)”.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Local da entrevista: Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon.

Técnicas de gravação: alunas da 3ª série do curso em Habilitação Profissional de Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio - Ana Beatriz Martins dos Santos e Gabriele Oliveira Melo.

Data: 11 de agosto de 2022

Duração: 26 minutos e 15 segundos

Número de vídeos: um

Transcritora: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Número de páginas: 13

### **Sinopse da entrevista**

Essa entrevista foi realizada em 11 de agosto de 2022, com a ex-aluna Dalila de Souza Silva, que frequentou a Habilitação Profissional de Técnico em Agropecuária – ênfase em Plasticultura – sistema alternância, no período de 2003 a 2005. A história oral forneceu dados para materialização histórica do período estudado junto a Etec, sendo possível conhecer a sua trajetória pessoal, educacional e profissional, as motivações e os valores que contribuíram para o sucesso profissional e as lembranças vivenciadas na época em que frequentou a instituição.

### **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: 12 de agosto a 31 de agosto de 2022

Nome da transcritora: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

**Sueli Mara Oliani Oliveira Silva (SMOOS):** Entrevista com a ex-aluna Dalila de Souza Silva, no dia 11 de agosto de 2022, as 16h00, no Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon da Etec Professor Matheus Leite de Abreu, para o projeto coletivo “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, pertencente ao Grupo de Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza, Unidade de Ensino Técnico e Médio.

**SMOOS:** Boa tarde, Dalila!

**Dalila de Souza Silva (DSS):** Boa tarde!

**SMOOS:** Com grande satisfação que realizo esta entrevista para estudo da nossa história, que ficará registrado em nosso Centro de Memória. Poderia nos contar sobre a origem familiar e social para esta entrevista de história oral de vida?

**DSS:** Claro! É, bom. Eu sou a Dalila né, eu sou médica veterinária. Eu nasci em São José do Rio Preto, e fui criada só pela minha mãe. Minha mãe foi mãe solo, e a situação financeira era bem difícil, minha mãe era empregada doméstica, mas com muito carinho,

amor e trabalho, ela sempre me criou da melhor forma possível. Eu estudava inicialmente na escola pública, em Rio Preto, né, no bairro João Paulo II, e aí eu fiz lá até a oitava série, lá assim tinha, eu lembro que eu tinha uma professora que incentivava a gente, falava de faculdade, incentivava a gente a fazer um curso, a fazer um técnico, era a dona Meire, que era uma professora que me marcou demais lá de traz. E, aí um dia, no final de semana, eu vim passear em Mirassol na casa de uns tios, e meu primo falou assim: - vamos conhecer a escola agrícola? Aí eu falei assim: - Ah! Vamos. E eu sempre gostei muito de natureza, muito de animal, muito de ver e sempre quis ser veterinária, e aí eu cheguei aqui e aí eu me encantei. Aí minha mãe, liguei para minha mãe, falei: - mãe eu quero estudar aqui e na época era esquema de alternância. Ela falou assim: - mas, como que você vai estudar aí? Eu não tenho como te mandar todo dia pra aí, né? Aí eu falei: - não, já arrumei tudo, vou ficar na casa da tia Neide, e aí ela conversou com os meus tios e os meus tios, não, vamos e eu lembro que a gente não tinha dinheiro nem para matrícula, e assim era bem pouquinho e aí meu tio falou assim: - não, eu dou dinheiro da matrícula! E, aí eu comecei a estudar aqui.

**DAS:** É na época tinha Vestibulinho, mas naquele ano não foi necessário, alguma coisa assim, e aí eu comecei estudar aqui, e na época eu tinha feito, eu tinha prestado vestibular pra uma outra escola técnica também no Centro Paula Souza: - o Philadelpho, que é em Rio Preto. E eu passei lá, aí minha mãe falou assim pra mim: - você tem certeza? Ah! mãe, mas eu gosto mais de mato do que computador (risos). Que lá tinha pessoal de alguma coisa voltada pra o computador, acho que ciência da computação, nem lembro direito. Aí eu fiquei tão encantada porque eu queria aqui, aí ela falou: - não, então tá bom, então vai! E, aí eu cheia de medo porque a escola na época tinha cinco meninas, né, e é até era meio marginalizado. Poxa, nossa você vai estudar escola agrícola, mas você é menina, né?

**DSS:** Então assim, eu lembro que ela ficou com bastante receio na época, mas aí ela veio, conheceu, começou a vir nas reuniões e tinha um sistema de cooperativa, né, e acho que no meio do segundo ano, as coisas começaram a ficar ainda mais difíceis do que já era. Ela perdeu um dos empregos, e aí assim era um valor bem pouquinho que a gente pagava de cooperativa, que era para almoçar na escola, tomar café da manhã e almoçar, e aí foi quando o Kim fez uma visita pra gente, né? Eu falei que não ia continuar porque não tinha como, meus tios trabalhavam né? Não tinha como voltar pra casa todo dia pra almoçar, e aí eu ficava os 15 dias aqui. Na verdade eu ficava uma semana, e ia embora de final de semana, mesmo com o passe pela metade, a gente dava uma economizada e ia de final de semana pra casa. E a semana que eu ficava em casa, eu fazia estágio, fazia estágio e

pesquisava matéria que ia ter na próxima semana. Para mim, isso foi muito importante, porque eu sempre achei que eu ficava muito entediada com a escola de ter que ficar repetindo, repetindo, repetindo matéria, e quando eu mesmo pesquisava, eu trazia os assuntos, e quando eu trazia os assuntos, eu só tirava as dúvidas, e eu gostava desse tipo de ensino. Assim eu sempre gostei muito de estudar sozinha, eu não gostava muito de vim pra escola, mas aqui eu gostava, né. Por que tinha a parte técnica, tinha, a gente colocava a mão na massa e entender a teoria, não era só teoria, então a parte técnica sempre muito junto com, eu lembro muito da dona Neusa, não sei se a dona Neusa dá aula aqui ainda?

**SMOOS:** Não, ela já aposentou.

**DSS:** Ela sempre associava assim, da forma dela, aí ela falava assim: - tem a forma empírica e tal, e aí a gente associava com a forma técnica que a gente aprendia, então assim, sempre foi muito agregante. O seu Geraldo sempre trazia né? E eu sempre gostei muito de poesia e ele trazia poesias do campo, por mais que os meninos falavam: - ah! Poesia. Sempre tinha um ou outro que gostava e eu gostava bastante, então assim, aí essa época o Kim foi em casa, ele conheceu um pouco e aí ele falou assim, aí eu me tornei bolsista, aí eu não pagava cooperativa, e eu podia fazer as refeições aqui na escola, mas sempre foi com muita luta, né, até quando eu me formei aqui, aí eu fiz um outro vestibulinho, era vestibular já, né, na época, eu fiz pra... não é Fatec em Rio Preto? Que tem o Centro Paula Souza? Que é faculdade, é Tecnólogo. Eu não vou lembrar como é que chama, mas tem um tecnólogo que também Centro Paula Souza, eu passei lá e prestei ENEM. Assim, descomprometidamente, porque na minha época, na época que eu prestei ENEM, não tinha tantas bolsas assim, não era tão difundido e a minha nota foi super boa, assim e eu falo que a nota foi boa porque aqui, apesar de ter também o ensino técnico, o ensino fundamental que a gente aprende aqui é diferenciado das escolas públicas, não tem nem o que falar, eu lembro que assim eu tinha amigos que estudavam na escola pública e tinha amigos que estudavam em escola particular em Rio Preto, e aí às vezes eu dava uma pesquisada na apostila das amigas e elas falavam assim: - nossa eu vou aprender isso aqui daqui três semanas, você já tá aprendendo. Mas é que assim, eu já estava estudando porque, de fato eu ia aprender também daí duas semanas, mas eu sempre estava à frente. Então eu acredito que assim, ter conseguido uma boa nota num teste que é tão grande como o Enem, é, foi devido é claro, devido aos nossos esforços como aluno também, porque conta muito, mas também devido ao respaldo que a gente tinha dos professores aqui dentro, né. Não só na parte teórica, técnica, também como na parte do ensino

fundamental, porque agora mudou, né, os nomes assim na minha época era colegial, risos.

Sou um pouquinho velha. (risos)

**SMOOS:** É nova. (risos)

**DSS:** Aí eu consegui, eu tive 96% de aproveitamento no ENEM, e aí eu pude escolher qual faculdade que eu queria. E, eu fiquei muito em dúvida na época, porque assim eu coloquei Veterinária, mas eu também coloquei Agronomia, porque aí eu comecei a gostar muito dessa parte de mexer com a terra de estar ali, quando eu coloquei veterinária, agronomia e Biologia. E aí eu falei assim nossa mãe e agora? Só que aí, eu falei pra ela assim, mas eu sempre quis veterinária e aí eu entrei pensando em animal de grande porte, né, porque a gente tinha bastante convivência aqui na época, tinha três ou quatro vaquinhas, mas eu tinha convivência, tinha coelho, tinha na época, cunicultura, tinha as poedeiras, tinha a suinocultura, e era tudo muito aproveitante assim sabe? A gente conseguia ver um sistema que às vezes, hoje eu falo assim, gente não é possível que eles não vêm isso, a gente conseguia fazer compostagem, fazer adubo com biodigestor, falo gente, isso é tão antigo e é tão básico né? E aí precisa acontecer, por exemplo, uma guerra mundial, para o pessoal começar a pensar numa coisa que já estava ali o tempo todo né? Fazer adubo com biodigestor e isso sem falar que é renovação, né? Da nossa matéria prima, de tudo aquilo que a gente, que a gente tem, mas aí por fim entrei na faculdade, acabei sendo puxada pelos peludinhos então assim, minha especialidade é: pequenos animais, é gato e cachorro. Mas, logo que eu me formei ainda as coisas continuaram difíceis financeiramente falando, eu lembro que eu fui trabalhar no ramo de telefonia, trabalhei seis meses com telefonia e para poder tirar meu CRMV, eu não tinha grana para pagar o CMRV, porque também era tudo muito difícil, mas aí consegui!

**DSS:** Aí comecei, fiz uns cartõezinhos, comecei atender em domicílio, eu lembro que quando fui trabalhar com telefonia, eu deixei muitos currículos e eu cheguei a tirar que eu era formada em veterinária e tirar que eu era técnica, porque eu falei assim, as pessoas não tão me dando atenção, por que eu acho que elas não têm um emprego porque eu sou formada, mas não querem me dar um cargo porque eu sou formada! Aí, eu redistribuo todos os currículos, repassei todos os lugares, olha eu aceito até serviço de limpeza, porque eu queria trabalhar dentro de uma clínica, eu queria estar dentro da área, mas infelizmente não foi possível, infelizmente não, felizmente! Porque eu aprendi muito no ramo de telefonia também, eu falo assim, que a bagagem que o curso técnico te dá, de vivência, de experiência, por que eu lembro que o Sebrae vinha muito, fazia muito trabalho

de empreendedorismo, né? Da gente pesquisar, fazer pesquisa de mercado, entender o que o mercado precisava, sempre teve muito presente aqui na escola e eu acho que isso ajudou muito, assim, e aí por fim consegui esse emprego na telefonia fiquei seis meses, e aí eu comecei atender em domicílio. Quando eu comecei atender em domicílio, eu adorei! Nenhum veterinário gosta! O pessoal fala, meus amigos falam: - não é possível que você gosta! Gente, eu gosto! Eu gosto do vínculo do tipo pessoas sabe? Eu acho que isso veio da minha formação também, porque aqui, por exemplo, a gente se ajudava muito! Enquanto alunos, muitas vezes a gente tinha dúvida, e a gente esclarecia a dúvida da matéria que a gente tinha pesquisado nos 15 dias que a gente estava fora, é entre a gente. Eu lembro que eu tinha um amigo, o coroinha ele era muito inteligente, o coroinha e o Paulinho e aí a gente conversava muito e aí eu falava assim: Oh! eu pesquisei tal coisa, escrevi isso, mas eu não entendi! Aí ele vinha, falava duas palavrinhas e o professor só vinha e complementava, e isso era muito importante assim, porque te desenvolvia um pesquisar, você procurar mais, eu acho que muitas vezes assim, o professor dava uma matéria, por exemplo, de História, dava uma matéria e você acabava lendo um pouquinho mais da matéria, então você acabava agregando mais, então eu sempre falo: - o aluno faz muito a escola, eu falo que a gente que tem que batalhar pelo o que a gente quer em tudo, né, na vida, o que a gente quer de conhecimento, e conhecimento é uma coisa que nunca ninguém tira de você e aí por fim, aí eu comecei a trabalhar atendendo em domicílio. Eu ia de moto táxi na época, não tinha Uber pra ir rapidinho, pra atender o cliente rapidinho, distribui milhares de cartões e atendia, fazia medicação que tinha que fazer, se precisasse de uma internação de alguma coisa, eu fiz contato com algumas clínicas que eu tinha feito estágio ao longo da vida, da vida acadêmica, e encaminhava para as clínicas, mas aí eu atendia e voltava de ônibus. Aí voltava deixava o sanguinho no meio do caminho, terminava de chegar de chegar em casa aí recebia o laudo do hemograma e tudo né na época, ainda nem tinha, quando eu comecei a trabalhar em Rio Preto, não tinha laboratório específico veterinário, era o laboratório humano que a gente deixava. E assim, eu falo que foi muito difícil o início, mas depois foi deslanchando, depois foi crescendo também, né? Assim esse cuidado com o pet, eu falo que em 10 anos, comecei a trabalhar tem 12 anos, mas de 10 anos pra cá, tudo evoluiu, tudo muito rápido, né, a gente ainda não tá, não é uma grande São Paulo, mas a gente consegue ter muita coisa principalmente em Rio Preto, e a gente acaba atendendo outras cidades, a região toda né, abordando um lugar maior e aí hoje, devagarzinho, fui, comprei meu primeiro carro, aí quando eu comecei a trabalhar na área de veterinária, na verdade não era bem na área, consegui num Pet shop como banhista e aí eu atendia no pet shop como banhista, aí essa dona do pet shop me indicou pro um outro pet pra fazer serviços veterinários, pra atender duas horinhas, pra dar orientação

veterinária pra assinar ANP, aí eu consegui um outro, aí eu falei assim, bom, agora eu posso comprar meu carro, não preciso ir mais de moto taxi. (risos)

**DSS:** Aí, eu comecei atender, aí eu ia de carro, eu já conseguia pegar o paciente se precisasse de internação, se precisasse de cirurgia eu mesma levava, e assim eu gosto muito desse contato, porque você acaba se tornando um médico da família mesmo, então assim muitas vezes recebe um exame deles e fala: - Dalila você me ajuda a entender né? Você me ajuda? E aí fui fazendo algumas especializações, né, ainda faço, porque assim, a gente não pode parar de estudar nunca, e a minha mãe sempre falava: aprendizagem é uma coisa que alguém nunca tira de você! E eu lembro que quando eu comecei atender, que eu ia de moto taxi, a minha mãe sempre falava: não desiste! Logo a gente vai comprar seu carro, logo a gente vai comprar seu carro! E sempre me dando apoio, sempre me ajudando, nunca deixou desistir, e assim eu falo, que ela é minha maior apoiadora, sempre foi minha maior fã, né? Porque eu nunca desisti por causa dela, por que eu falava assim, ai mãe não vai dar certo vou procurar um outro emprego, tá difícil, preciso começar a ajudar, e aí com isso fui me tornando conhecida, ai comecei a trabalhar numa clínica, eu fiquei quatro anos trabalhando numa clínica, mas eu não deixei de atender em domicílio, eu gostava, eu gosto de atender em domicílio, e aí que, que na clínica eu não conseguia me adaptar muito.

**DSS:** Eu gosto de conversar, eu gosto de ouvir, eu gosto de entender, por que muitas vezes eu falo que o cliente ele te procura também pelo problema do paciente, do cachorro, do gatinho, mas muitas vezes ele te procura, por que ele também tem um problema interno, que ele precisa conversar, que ele precisa exteriorizar e a gente como humano e cristão tem a obrigação de estender a mão, e isso quando a gente tá dentro de uma clínica, dentro de um consultório, a gente não consegue ter um tempo um pouco maior, né, com isso a gente não consegue ter esse olhar além, e muitas vezes esse olhar além, vai conseguir ajudar, eu já peguei por exemplo, pessoas que estavam sofrendo de depressão e o animal não melhorava, já tinha passado por vários veterinários, mas a pessoa não se medicava e consequentemente não medicava o paciente. Então assim, eu falo assim, que é sempre 50%, 50% do veterinário acertar o diagnóstico, acertar na prescrição e 50% do tutor, de conseguir fazer o que é preciso fazer em casa, e muitas vezes quando a gente tá dentro do consultório, a gente não consegue ver isso e quando a gente como começa a ter esse olhar mais humano, esse olhar mais empático pro próximo, pro teu, pro teu paciente, né, pro teu cliente que tá ali na sua frente, você consegue ter uma assertividade maior, você consegue ter um comprometimento maior e isso me incomodava de estar na clínica e não

consegui, porque as vezes a dona da clínica, eu entendo, né, todo o lado empreendedor que precisa girar, mas assim ela queria que você atendesse tipo uma consulta a cada 20 minutos e esse não é o meu perfil, meu perfil é sentar, ouvir, conversar. Por que muitas vezes, o cliente vai chegar você vai falar assim: - dona fulana a senhora deu pão com manteiga pra ele hoje de manhã? Ela fala, imagina, não dei. Mas, aí a gente começa conversar, ela fala sobre alimentação dela, aí ela fala que deu um pedacinho, aí você consegue tirar algumas coisinhas, você consegue agregar num todo, né, e eu sentia muita falta disso.

**DSS:** E hoje, eu consigo satisfatoriamente trabalhar dessa forma, que é uma forma que eu consigo ser eu mesmo, ter a empatia que eu aprendi né, ao longo da minha vida pessoal e profissional, e ao mesmo tempo ganhar com isso, tornar uma profissão, conseguir conquistar minha casa própria, meu carro próprio, né, casei recentemente e assim eu me considero uma profissional. As vezes as pessoas falam assim, mas você tem vontade de crescer? Aí eu falo assim crescer como? Né? Eu falo gente, todo mundo deveria fazer terapia, todos os dias na vida, risos, e às vezes meu terapeuta fala assim: - você tem que se olhar com a mesma empatia que você olha pro outro, né. Então assim, a gente tenta olhar pra gente, olhar de onde a gente veio, eu morava numa casa na periferia, hoje eu moro numa casa num condomínio. Então assim, eu consegui com o meu estudo, com a minha luta, mudar de padrão de vida eu consegui deixar de ser uma menina pobre, preta da favela, eu fico até arrepiada, pra ser uma médica veterinária respeitada e conhecida tanto pelos clientes, quanto pelos profissionais, então assim eu falo hoje, hoje dificilmente você fala pra algum veterinário em Rio Preto, dos mais conhecidos: - ah, a doutora Dalila. Ah, já ouvi falar, eu conheço. Então assim, eu tenho um coleguismo e tenho admiração, tanto dos meus colegas profissionais, quanto dos meus clientes e isso pra mim é muito prazeroso. Eu devo muito tudo isso a escola, a forma como eu aprendi, e aprendi não ficar sentada, porque a escola te ensina a levantar e pesquisar, principalmente no nosso sistema de alternância, assim, não só, né, mas eu acho que principalmente nisso, porque assim junto com tudo que a gente pesquisava, a gente ainda trazia estágio, a gente ainda trazia eu falo, por exemplo, jovem hoje que eles terminam a faculdade e eles só tiveram ali o estágio do último ano que é obrigatório, e eu não, desde o primeiro ano, eu estava tendo esse contato pessoa a pessoa estava entendendo, estava tendo essa empatia, estava vendo que as pessoas elas precisam ser ouvidas também, né, então isso pra mim fez toda a diferença.

**SMOOS:** E você se tornou uma microempreendedora?

**DSS:** Sim, isso aí né, quando eu comecei a trabalhar, comecei lá no moto táxi e logo eu fiz a minha MEI e aí com a MEI a gente consegue ter alguns benefícios como microempreendedor, né. Então assim, a gente consegue ter, ah tô sem capital de giro, a gente consegue ter um capital de giro, ah precisa comprar um aparelho novo, preciso de um aparelho de pressão, preciso de alguma coisa, a gente consegue ter essa facilidade no mercado até mesmo de empréstimo de fluxo mesmo, né?

**SMOOS:** As políticas públicas locais contribuíram para desenvolver o seu sucesso?

**DSS:** Olha, medianamente. Não vou falar que não, mas também não vou falar que sim. (risos)

**SMOOS:** Certo. Certo. Para finalizar eu gostaria que você nos deixasse uma mensagem.

**DSS:** Ah! uma mensagem! É tão cheio de carinho assim que eu falo, gente valoriza! Valoriza! Falo para a juventude, eu falo pra cada um desses formadores que participou assim da minha formação, eu agradeço infinitamente, eu agradeço muito, muito mesmo, porque as vezes a gente fala: - a juventude está estragada. E eu escutava isso quando eu era bem novinha, e não tem jeito! Tem jeito! Tem jeito! Sempre tem jeito, eu sempre fui ensinada com muito carinho, levei muitos puxões de orelha não vou falar que não, e todos eles foram muito proveitosos, eu falo, os puxões de orelha te ajudam a crescer muito mais do que os elogios, e aqui a gente teve muito isso então assim, se eu pudesse deixar uma mensagem pra ficar: - gente valoriza, valoriza, leva pra vida, reflete, eu sei que quando a gente é muito novinho, a gente não consegue pensar na grandiosidade do que é poder estudar, né, do que é poder agregar conhecimento e o conhecimento é uma coisa que te leva longe. O estudo é uma coisa que te tira de onde você tá e te tira de onde você tá se você quiser pro mundo assim que você jamais imaginou, jamais, é, as vezes eu falo assim: - Poxa! Eu olho minha casa e falo assim nossa eu imaginei que queria ser veterinária, mas eu não imaginei que quisesse ter tudo isso, sabe então vale, vai além, e aí quando você vai conseguindo, você vai vendo que você pode ir mais além, e tudo isso é pelo estudo.

**SMOOS:** Sim, ah Dalila, eu agradeço imensamente, muito obrigada.

**DSS:** Por nada, imagina.

**SMOOS:** Muito obrigada por entrevistar! Eu sei que seu tempo é bem ocupado, né? Mas, eu agradeço imensamente muito obrigada!

**DSS:** Obrigada vocês pela oportunidade, só tenho a agradecer de coração, assim, de verdade mesmo, muito carinho, muita gratidão. Eu falo que as pessoas banalizam a palavra gratidão, eu falo que assim: - a gratidão, a gente tem que ter pelas pessoas que fizeram grandiosidades na nossa vida, e eu falo que: - cada um dos professores, que passaram na minha vida fizeram grandiosidades na minha vida, assim como a minha mãe, que tá no céu olhando pela gente que vale a pena!

**SMOOS:** Vale a pena!

**DSS:** Vale a pena estudar, vale a pena batalhar, vale a pena mesmo que acha que é impossível, se a gente fizer um esforcinho, Deus faz o resto!

**SMOOS:** Sim, sua entrevista vai enriquecer muito a nossa memória e a nossa história.

**DSS:** Obrigada!

**SMOOS:** Muito obrigada! Encerrando.

### **Descritores**

História oral na educação

Empreendedores

Centro de Memória

Técnico em Agropecuária

Plasticultura

Dalila de Souza Silva

Etec Professor Matheus Leite de Abreu

Medicina Veterinária

Agronomia

História

Microempreendedora individual

Pedagogia da Alternância

Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Sebrae

Pet Shop

MEI

### Dados Biográficos da Entrevistada



**Dalila de Souza Silva** - Foi em 19 de março de 1988, que Deus permitia a guerreira Alzira de Souza segurar em seus braços a sua segunda filha vinda do matrimônio com Cícero Domingos da Silva. Nascia então mais uma riopretense, de infância difícil, porém feliz e cheia de sonhos, que foram sendo conquistado dia após dia, principalmente por meio dos estudos que começaram nas escolas do bairro de periferia onde morou até recentemente. Em 2003 ingressa na Etec Professor Matheus Leite de Abreu, para estudar em sistema de alternância, o ensino médio e técnico em agropecuária, permitindo assim já a colocação no mercado de trabalho através de estágios realizados junto aos estudos. Foi buscando o sonho de um dia se tornar veterinária, que ficou dividida com agronomia, porém em 2006 conquistou mais uma etapa da vida acadêmica, ingressando através de bolsa PROUNI numa das faculdades mais renomadas de Medicina Veterinária a UNIRP – São José do Rio Preto. Em 2010 concluiu o curso, porém não entrou direto para área, trabalhou numa empresa de telefonia chamada Teleflex, o que permitiu ter ainda mais experiência com pessoas. No final do mesmo ano começou a trabalhar como Responsável Técnica para alguns *pet-shop* foi então que iniciou também os atendimentos veterinários em domicílio, se apaixonando cada dia mais pela forma de trabalho. Hoje após 12

anos, como veterinária de clínica médica e cirúrgica de pequenos animais procura todos os dias atender melhor, aprimorando sempre seus conhecimentos através de cursos e muito estudo. “Não é só um pet e sim o amor da vida do meu cliente, o qual merece ser olhado, ouvido e atendido com a mesma empatia e amor que entrego aos pacientes cães e gatos”.

### Dados Biográficos da Entrevistadora



**Sueli Mara Oliani Oliveira Silva** - Licenciada em Educação Artística (PUC-Campinas, 1989). Licenciada em Pedagogia (Uniube, 2009). Atualização “Programa Gestão Escolar e Tecnologias” (PUC-SP, 2009). Pós-Graduada em Metodologia do Ensino de Artes "Lato Sensu" (Barão de Mauá, 2013). Professora da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (1990 a 2018). Professora de Artes da Etec Professor Matheus Leite de Abreu (1994 a 1996, 1998 a 2020) e da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (1999 a 2020). Coordenadora do Ensino Médio e Pedagógica na Etec Professor Matheus Leite de Abreu (2004 a 2012). Participa do GEPEMHEP, desenvolvendo estudos e pesquisas sobre a memória e história da educação profissional e tecnológica (desde 2012). Curadora do Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon (desde 2015).

**Anexo** (esse documento é sigiloso e não ficará aberto online ao público):

Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento de Dalila de Souza Silva